

PEDAGOGIA DO DIGITAL: MULTIMODALIDADE E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO

Alessandro Cirillo Menchon¹

Mestrando em Língua Portuguesa (PUC-SP)

Elizete Aparecida de Andrade de Oliveira²

Mestra em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO: Este trabalho propõe apresentar práticas de análise linguística por meio da Pedagogia do digital e é direcionado a professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio e a demais interessados. Tem por objetivo aprofundar a compreensão da Educação Linguística, base teórica que fundamenta o ensino-aprendizagem da língua materna, e dos Gêneros Textuais. A reflexão acerca das contribuições dos gêneros multissemióticos e multimodais no Ensino Médio possibilita compreender o uso da língua em situações reais de comunicação. Os resultados mostraram a relevância da análise linguística nas práticas docentes, pois apresenta uma alternativa ao ensino tradicional de língua, assegurando o pensamento crítico-reflexivo por meio de um caminho eficaz para o domínio da linguagem.

Palavras-chave: Educação Linguística. Pedagogia do digital. Multimodalidade. Análise Linguística.

ABSTRACT: This work proposes linguistic analysis practices through Digital Pedagogy and is aimed at Portuguese language teachers in high school. Its objective is to deepen the understanding of Linguistic Education, the theory that underlies the teaching and learning of the mother tongue, and Textual Genres, the object of language instruction. Reflecting on the contributions of multisemiotic and multimodal genres in high school enables an understanding of language use in real communication situations. The results showed the relevance of linguistic analysis, as it presents an alternative to traditional language teaching, ensuring critical-reflexive thinking through an effective path to language mastery.

Key words: Linguistic Education. Digital Pedagogy. Multimodality. Linguistic Analysis.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar o trabalho realizado no minicurso **Pedagogia do Digital: Multimodalidade e Educação Linguística no Ensino Médio**, pelos membros do Grupo de Pesquisa em Educação Linguística (GPeduLing) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na III Jornada de Educação Linguística, realizada no dia 17 de outubro de 2023, em ambiente virtual promovido pela Universidade, cujo tema abordado era: **Práticas de Análise Linguística**.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido muito discutido nos dias atuais, devido à reforma do Ensino Médio e à necessidade de se trabalhar por meio de competências e

¹ ale_menchon@hotmail.com.

² ellyoliveir@hotmail.com.br.

habilidades. A compreensão do funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais, assim como a mobilização desses conhecimentos na leitura e produção de textos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias ampliam as formas de participação social do estudante, aprendente-ensinante³, nos diferentes contextos comunicativos.

Nesse sentido, o trabalho tem o intuito de auxiliar o professor de Língua Portuguesa na busca por uma alternativa ao ensino tradicional de língua, ou seja, a análise linguística. Todo ensinante-aprendente precisa ter em vista a sua formação continuada, a fim de assegurar um conhecimento mais global, que possibilite modificar a sua prática, buscando atualizar-se por meio de recursos pedagógicos e recursos técnicos com vistas a construir um mundo mais justo.

A fundamentação teórica que sustenta esse trabalho é a Educação Linguística, que engloba conceitos indispensáveis à atuação docente e pressupõe uma consciência crítica sobre como ensinar a língua sob uma perspectiva textual/discursiva manifesta na pluralidade de gêneros que circulam na sociedade. Sendo assim, ao se pensar a atuação docente no século XXI, dentro de uma sociedade globalizada, na era digital, em que a semiolinguística se faz ainda mais presente, é preciso que o EnAp atente para os diferentes gêneros textuais inseridos nas práticas de comunicação.

A proposta apresentada no minicurso reflete as contribuições dos gêneros multissemióticos e multimodais, visto que é preciso considerar a linguagem em relação com o meio social em que o indivíduo se insere. A ênfase dada ao trabalho por meio de gêneros possibilita: compreender o texto situado social, cultural e historicamente; ao professor discutir com os seus estudantes quais textos precisam ser lidos, entendidos e produzidos no percurso da sua formação; compreender a frequência em que são utilizados, sua organização e circulação; analisar os recursos linguísticos e semióticos que se destacam por meio deles.

Diante das novas demandas da comunicação contemporânea, entende-se que os textos multissemióticos fazem parte das expectativas de ensino-aprendizagem obrigatórias para a educação básica. Sua aplicação pode favorecer mais autonomia e desenvolvimento de habilidades que proporcionam qualidade na formação escolar dos EnAp, bem como desenvolver o pensamento crítico e reflexivo deles.

A Pedagogia do Digital é entendida como aquela que focaliza o uso das tecnologias e aborda os gêneros digitais no ensino da língua materna. A interação em ambientes virtuais

³ Diante das novas práticas pedagógicas, a Educação Linguística configura um novo modelo de interação educacional, em que as posições hierárquicas educador e estudante são substituídas por: ensinante-aprendente e aprendente-ensinante. Esses termos foram propostos por Alicia Fernández e leva em conta o papel ativo do aluno, em que ao mesmo tempo que constrói conhecimento, ensina. Assim também o educador, que ensina e aprende. (PALMA; TURAZZA, 2014, p. 29).

atenta para a relevância em se entender que os textos são multimodais, pois não apresentam apenas um modo linguístico. Dessa forma, o trabalho enfoca, ainda, a leitura sob uma concepção de mundo mais abrangente.

Considera-se que o foco deste estudo está relacionado não somente a contemplar as mudanças contemporâneas dos textos, mas também a associá-las a aspectos de práticas de incentivo à leitura, para o desenvolvimento de leitor competente, ou seja, aquele que é capaz de ler de forma crítica, reflexiva, que realiza intertextualidades e que estabelece diferentes relações entre as leituras que faz cotidianamente.

Desse modo, direcionamos o estudo da língua à análise linguística em que se propõe, preliminarmente, três percursos para operacionalizar a **Pedagogia Digital**: a) o primeiro percurso, em que são resgatados os **propósitos comunicativos** mais amplos do gênero estudado; b) o segundo percurso, em que se descreve a **organização interna do gênero** selecionado como objeto de estudo; c) o terceiro percurso, voltado para a **Análise Linguística** em si. É neste terceiro percurso que devemos demonstrar, de fato, as funções e os usos dos recursos linguísticos e semióticos do gênero estudado, no caso, folder digital.

Logo, este trabalho objetiva demonstrar como o ensino de Língua Portuguesa no Brasil pode ser efetuado, antes de tudo, tendo em vista um propósito comunicativo, por meio de gêneros textuais que privilegiem a interação, a interlocução, a enunciação e o diálogo, recusando a análise reduzida à gramática sem, contudo, eliminá-la, porém voltado para uma análise linguística textual/discursiva, uma vez que o discurso opera, em certo sentido, com a língua dos falantes.

Ao longo do artigo são apresentados: uma breve conceituação da educação linguística, noções de leitura; texto multimodal; breve estudo dos gêneros textuais; análise linguística de folders digitais e uma proposta de sequência didática.

Educação linguística: conceito

Ao longo dos anos, muitos autores e estudiosos da área têm se dedicado a conceituar a Educação Linguística (EL), entre eles, selecionamos Bagno e Rangel (2005), que afirmam:

Entendemos por educação linguística o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Desses saberes, evidentemente, também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/linguagem e que compõem o que se

poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística. Inclui-se também na educação linguística o aprendizado das normas de comportamento linguístico que regem a vida dos diversos grupos sociais, cada vez mais amplos e variados, em que o indivíduo vai ser chamado a se inserir. (BAGNO; RANGEL, 2005)

Nessa perspectiva, compreendemos que a EL é adquirida por cada indivíduo logo nos primeiros dias de vida, nas interações familiar e em comunidade; portanto, a cultura da linguagem tem relação com o meio social em que o indivíduo está inserido. No entanto, esse conhecimento não se concretiza somente por meio desses grupos mencionados, mas sim, estende-se ao longo da vida acadêmica e profissional de cada pessoa.

A EL contribui, portanto, para o processo de formação do aprendente-ensinante, já que lhe oferece condições de usar a língua materna de forma consciente, com proficiência, em variadas situações sociais, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno, bem como habilitando-o ao exercício da cidadania. Para Bechara (2009, p. 38), “o sucesso da educação linguística é transformá-lo num ‘poliglota’ dentro de sua própria língua nacional”⁴.

Outro aspecto relevante, relacionado à educação linguística, diz respeito à meta desse estudo. Para isso, podemos apontar Lomas (2015, p. 8), que apresenta o enfoque voltado para a competência comunicativa (o aprendizado de um saber fazer coisas com palavras) e não somente a aquisição de um saber gramatical e literário herdado da tradição acadêmica. Nesse sentido, o autor ressalta alguns hábitos essenciais relacionados aos usos da língua na vida das pessoas: “falar, escutar, ler, escrever, entender o que escuta e o que lê, escreve...”.

Lomas complementa dizendo que o estudo dos usos linguísticos e comunicativos das pessoas, sejam eles orais, escritos, audiovisuais, hipertextuais, permitiu aprofundar o conceito da competência comunicativa, bem como analisar as habilidades e os conhecimentos implicados na sua aquisição e desenvolvimento e prossegue apresentando os avanços das ciências linguísticas que

(...) tem permitido ampliar e aprofundar com maior conhecimento nos objetivos do ensino da língua na escola, que não se concebe já somente como o ensino da gramática e da literatura. A consideração da plurifuncionalidade da linguagem tem ampliado o leque de objetivos da educação linguística, que tem que considerar a língua: 1) como instrumento de desenvolvimento intelectual e 2) como objeto de aprendizagem, o qual implica por sua vez considerá-la como instrumento de expressão e comunicação, como

⁴ Nesse trecho, o autor se refere ao falante de uma língua histórica e complementa dizendo que esse é plurilíngue porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional.

instrumento de conhecimento, como construção cultural e como metalinguagem. (CAMPS, 1993 *apud* LOMAS, 2015, p. 128)⁵

Com o propósito de estabelecer uma relação entre essa ciência e o ensino-aprendizagem da língua materna, recorreremos a Palma e Turazza (2014, p. 29), que explicitam o objetivo geral da EL: “formar crianças e jovens como seres pensantes-comunicantes”. Segundo as autoras, nesse sentido, a Educação Linguística contribui com outros componentes curriculares; como a educação para o mundo do trabalho; e outras.

Adicionamos aos objetivos da EL os pressupostos que a norteiam: ênfase no trabalho com a língua em uso, envolvendo a variação linguística, portanto, abandona a visão de língua estática; proposta de ação pedagógica por meio de gêneros textuais; análise linguística pautada na norma-padrão, constante nos jornais e em revistas e não em gramáticas normativas, que indicam regras da língua em desuso; refutação aos conceitos de certo e errado, em vez disso, opta-se por uma perspectiva de adequação e de inadequação, em função de diferentes situações comunicativas; análise linguística baseada na discursivização, na textualização e na lexicalização; intercomplementaridade entre o saber científico, que o professor deve dominar, o saber a ser ensinado, proposto pela legislação e o saber ensinado, aquele que efetivamente o professor realiza em sala de aula; organização do ensino da língua materna em pedagogias: oralidade, leitura, escrita, léxico-gramatical, literatura e digital (que serão retomadas mais adiante) como ancoragem da prática docente.

A finalidade da Educação Linguística, portanto, é privilegiar no ensino da língua materna didáticas favoráveis ao desenvolvimento dos domínios de uso não apenas da norma-padrão, mas também de toda a variedade de nuances sociocultural-históricas do falante brasileiro. Com isso, as autoras destacam a multiplicidade de nossos povos, chamando a atenção para a formação docente, cujo trabalho deve voltar-se para uma prática pedagógica que considere toda essa diversidade que constitui nossos povos: “brasileiros-europeus indianizados e, ao mesmo tempo, africanizados e orientalizados.” (PALMA; TURAZZA, 2014, p. 33).

Sobre esse aspecto da variedade regional e das diferentes modalidades da educação, as autoras asseguram em suas investigações o princípio da inter e multidisciplinaridade, constantes

⁵ (...) ha permitido ampliar y profundizar com mayor conocimiento en los objetivos de la enseñanza de la lengua en la escuela, que no se concibe ya solo como la enseñanza de la gramática y la literatura. La consideración de la plurifuncionalidad del lenguaje ha ampliado el abanico de objetivos de la educación lingüística que tiene que considerar la lengua: 1) como instrumento de desarrollo intelectual y 2) como objeto de aprendizaje, lo cual implica a su vez considerarla como instrumento de expresión y comunicación, como instrumento de conocimiento, como construcción cultural y como metalinguaje. (CAMPS, 1993 *apud* LOMAS, 2015, p. 128).

no plano curricular desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), para o ensino obrigatório do componente curricular Língua Portuguesa.

Percebe-se no texto dessas autoras o interesse em estabelecer relação entre o ensino da Educação Linguística na área de Língua e Literatura, com os documentos oficiais da educação básica, ao fazerem referência à Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (atualizada em 2021); aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 2000; com o enfoque de assegurar o desenvolvimento sócio-cognitivo-interativo dos estudantes, tornando-os seres pensantes-comunicantes. Ressaltam a importância de desenvolver a competência comunicativa, por meio de recursos linguísticos (nas modalidades oral e escrita) em seus usos efetivos em práticas sociais comunicativas, reconhecendo a necessidade da aprendizagem significativa.

Vale destacar a dupla perspectiva da Educação Linguística, conforme Palma e Turazza (2014): a primeira, relacionada à **dimensão linguística**, ou seja, refere-se à pesquisa científica, aos conhecimentos científicos para o ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa. Nessa dimensão, o eixo da EL tem como base os gêneros textuais, que passam a ser considerados como objetos de ensino, já que o objetivo é o desenvolvimento da competência sociodiscursiva dos estudantes.

A segunda perspectiva é a **dimensão pedagógica**, que se refere aos conhecimentos pedagógicos necessários ao processo de ensino-aprendizagem. De acordo com as autoras, a situação didática, que envolve o planejamento das atividades previstas (diárias, mensais, semestrais ou anuais) engloba a intenção do EnAp em orientar os ApEn e a forma de trabalhar o conteúdo em aula. E reiteram que desse processo “são partes integrantes o professor, o estudante e o conteúdo”.

Outro elemento fundamental destacado pelas autoras é a transposição didática, que compreende as adaptações necessárias que o conhecimento científico precisa passar para tornar-se objetos de ensino previstos em documentos oficiais da educação básica, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dentre os desafios apontados pelas autoras no processo de transposição didática, estão os obstáculos epistemológicos, entendidos como erros de interpretação dos estudantes sobre algum conteúdo novo, devido a “macetes”, sem base científica, utilizados por alguns educadores para facilitar o caminho do ensino-aprendizagem.

Para exemplificar, Palma e Turazza (2014, p.47) trazem este caso: Como identificar o sujeito de uma oração? Muitas pessoas respondem erroneamente que o sujeito é aquele que responde à pergunta “O quê?” Podemos compreender que essa pergunta é insuficiente para

identificar o sujeito em todas as situações, levando-se em conta que há orações cujo sujeito envolve pessoas, portanto, a pergunta “O quê?” não serviria, mas sim “Quem?”. Além disso, existem orações com sujeito indeterminado, oculto e até orações com sujeito inexistente.

Além do exposto, as autoras trazem alguns aspectos pedagógicos entre eles o contrato didático, que se resume em um conjunto de regras que devem ser cumpridas pelos envolvidos na educação. Contudo, em uma visão tradicional de ensino, tem-se o educador como centro desse processo, caracterizando, portanto, o ensino de maneira mecanizada em que o educador detém o conhecimento e o estudante é um ser passivo, que cumpre atividades por meio das quais expõe a evolução de seu aprendizado.

Diferentemente desse modelo acima descrito, a EL propõe o papel docente como mediador, facilitador da aprendizagem, que leva em consideração o conhecimento prévio dos aprendentes, bem como sua experiência de vida, seus conhecimentos já adquiridos, seus interesses etc. Com isso, os ApEn ganham o espaço central nesse processo de ensino-aprendizagem e passam a ser sujeitos ativos, reflexivos, capazes de argumentar e contra-argumentar seu ponto de vista.

Esses dois formatos apresentados, em que o educador é o centro do processo educacional ou o educador é o facilitador da aprendizagem são definidos por Libâneo, respectivamente, como: modelo da racionalidade técnica e modelo da racionalidade prática (*apud* PALMA; TURAZZA, 2014, p. 48).

Este segundo modelo coloca o estudante em posição central no processo de ensino-aprendizagem. São desenvolvidas estratégias necessárias para resolução de problemas, participação ativa na sociedade para o enfrentamento de desafios. O educador passa a exercer o papel de mediador/facilitador do conhecimento.

O fazer pedagógico passa então por uma mudança em que são necessários ao docente desenvolver algumas habilidades pedagógicas:

1. Resgate do conhecimento que os estudantes têm sobre o assunto a ser tratado.
2. Síntese do conhecimento, após apresentação oral.
3. “Criação de motivação ou ganho” entre os comentários feitos e o tema novo.
4. Apresentação do novo conteúdo.
5. Levantamento das dúvidas e dificuldades da turma.
6. Solução das dúvidas e das dificuldades dos aprendentes.
7. Exploração do conteúdo pela utilização de diferentes materiais didáticos.
8. Síntese do novo conhecimento construído. (ALMEIDA, *In*: PALMA; TURAZZA, 2014, p. 51).

Com base no exposto, não apenas o ApEn se torna um sujeito reflexivo e crítico, mas também o EnAp, já que faz parte de sua rotina lidar com diferentes situações/desafios, que os fazem pensar em novas propostas pedagógicas/investigações para solucioná-los ou propor caminhos para desenvolvimento de determinadas habilidades/competências necessárias à progressão do conhecimento.

Além das habilidades necessárias para a prática docente, convém destacar como a EL propõe organizar o trabalho de ensino da Língua Portuguesa: por meio de pedagogias, que

são consideradas como propostas metodológicas para o ensino e a aprendizagem de conteúdos necessários ao domínio da Língua Portuguesa por parte dos aprendentes-ensinantes, com vistas a torná-los “políglotas na própria língua”. (PALMA; TURAZZA, 2014, p. 52-54).

São elas: **pedagogia do oral** (desenvolvimento da expressão oral em diferentes situações); **pedagogia da leitura** (formação de leitor competente/proficiente, por meio da aprendizagem significativa); **pedagogia da escrita** (desenvolvimento da competência escritora, considerando a escrita como um processo sócio-interativo-interacional); **pedagogia léxico-gramatical** (léxico e gramática trabalhados em seu funcionamento textual/ perpassa todas as demais pedagogias); **pedagogia da literatura** (produção e compreensão de textos literários, por meio de gêneros textuais típicos) e **pedagogia do digital** (novos multiletramentos, cibercultura, multissensibilidade e multiculturalidade, novas situações comunicativas, nova condições de ensino-aprendizagem).

Cada uma dessas pedagogias conta com suas particularidades, porém convergem entre si ao priorizar o modelo cognitivo-funcionalista, ou seja, caracterizam-se por considerar a língua em uso.

Interessa-nos, essencialmente neste estudo, **a pedagogia do digital**, que tem como base as diferentes práticas pedagógicas, porém, fazendo uso de tecnologias digitais modernas para alcançar resultados educacionais interligados à vida contemporânea.

Nesse sentido, a pedagogia digital pode ser caracterizada como uma pedagogia que estuda o processo pedagógico com base nas novas tecnologias digitais utilizadas para garantir a qualidade da educação. O foco da pesquisa se volta para o objeto gênero textual no ensino da língua materna, por meio de conteúdos digitais.

Sabe-se que “pedagogia digital” é um termo relativamente novo nas pesquisas e tem entre seus precursores Blinov et al. (2020) que definem a didática digital como:

um ramo da pedagogia, uma disciplina científica sobre a organização do processo de aprendizagem em um ambiente educacional digital, enfatizando o fato de que o assunto da didática digital é a atividade humana (atividade dos alunos), e não o funcionamento da educação digital (BLINOV *et al.*, 2020, p. 78, *apud* VOLKOVA; LIZUNOVA e KOMAROVA, 2021).

A tecnologia também oferece a possibilidade de leitura colaborativa e compartilhada, permitindo que os estudantes interajam com colegas e professores em ambientes virtuais. Isso pode estimular discussões e análises conjuntas, enriquecendo a compreensão dos textos por meio do diálogo e da troca de ideias. Diante disso, propomos a seguir compreender um pouco mais sobre o conceito de leitura.

Noções de leitura

A leitura é uma atividade que está presente na vida humana em inúmeras situações cotidianas. Todas essas manifestações compõem um grupo denominado gêneros textuais, que buscam classificar os inúmeros textos que utilizamos em nossas práticas comunicativas.

Antunes (2021, p. 193) afirma: “a leitura favorece o acesso a novas informações”, e complementa dizendo que é por meio da leitura que acessamos um imenso acervo cultural produzido ao longo da história e assim ampliamos nosso repertório de informações. A autora defende que a leitura favorece o princípio democrático de que: “todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos nas sociedades”. Ler, portanto, é um processo ativo, por meio do qual se estabelece uma relação de dependência entre texto, leitor e as condições sociohistórico-culturais do que foi produzido/lido, em que se negocia efeito de sentido.

Nesse sentido, Rettenmaier (*apud*: ZILBERMAN e RÖSING, 2009, p. 184) afirma: “é pelo livro que se chega à literatura, é pela literatura que se pensa o mundo”. Ou seja, além do caráter de fruição, o ato de ler permite aos cidadãos-leitores desenvolver conhecimento, discutir e debater aspectos sociais, bem como reivindicar e atuar na vida pública, de modo mais consciente e efetivo.

No entanto, destacamos que não é somente por meio do texto escrito que a leitura acontece. Observemos o ponto de vista de Lajolo, em entrevista cedida ao Itaú Cultural (2009):

A compreensão de qualquer texto, gravado numa superfície sólida é leitura. É possível ler, por exemplo, na praia, as pegadas do jogo de futebol, da mesma maneira que se lê uma edição de ‘Os Lusíadas’ e navega-se a duras penas entre notas de rodapé e índice onomástico (...) ou seja, [ler] é poder interagir de uma forma compreensível com sinais escritos. (LAJOLO, 2009)

Outra contribuição relevante sobre essa temática advém de Kleiman, que diz: “passar os olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto” (KLEIMAN, 2009, p. 27). A autora considera que a leitura surge de uma necessidade para se chegar a um propósito e afirma: “quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas (...)”. (KLEIMAN, 2009, p. 35).

Neste ponto, é importante citar Freire (1992) quando aponta que a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão que necessita ser superada.

No livro *O que é leitura*, a autora Maria Helena Martins, argumenta:

(...) quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras. (...) Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 2006, p. 17)

Por esse trecho, notamos o posicionamento da autora no que diz respeito ao aspecto social da leitura, o que vai ao encontro da Competência Específica 1 de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, da BNCC, ao considerar a importância da leitura para a ampliação da participação social.

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (BNCC, 2018, p. 490)

Funções da leitura: aspectos gerais

O parágrafo anterior nos leva a dar continuidade no tema leitura, agora sob uma perspectiva relacionada à funcionalidade dessa prática. Para isso, podemos retomar Lajolo, no trecho que segue:

(...) lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 2008, p. 8).

Notamos que a autora se preocupa em identificar o sentido da leitura para a vida em sociedade, apontando que existe o ciclo de quanto maior o entendimento de mundo, mais se lê.

Freire (1992) nos convida a refletir sobre a passividade de um sujeito não leitor, levando-nos a compreender o quão necessário é estar informado para que possamos defender nossos interesses de modo individual e coletivo:

Pobre do povo que aceita passivamente, sem o mais mínimo sinal de inquietação, a notícia segundo a qual, em defesa de seus interesses, “fica decretado que, nas terças-feiras, se começa a dizer boa-noite a partir das duas horas da tarde”. Este será um povo puramente representado, já não presente na História. (FREIRE, 1992, p. 40).

Entendemos que por meio dessa analogia, o autor nos convida a refletir sobre situações diversas do dia a dia, que demandam de nós atitudes conscientes, no enfrentamento de desafios relacionados a domínios econômico, cultural e social. Portanto, é função da leitura viabilizar “o acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas e do patrimônio artístico-cultural da sociedade.” (ANTUNES, 2021, p. 186)

Para desenvolver este estudo, é importante tratar do processo evolutivo da produção de textos, que passa do impresso para o multimodal, com o objetivo de evidenciar os avanços relacionados à manipulação das linguagens que utilizamos, tanto na leitura quanto na escrita. Além desse processo evolutivo das produções textuais, vale destacar como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe os textos multissemióticos:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BNCC, 2018, p. 68)

Entende-se, portanto, que os textos multissemióticos fazem parte das expectativas de ensino obrigatório para a educação básica e que sua aplicação pode proporcionar mais autonomia e desenvolvimento de habilidades que proporcionam qualidade na formação escolar e pensamento crítico dos educandos.

Textos multimodais

No que se refere à multimodalidade, podemos considerar que as novas perspectivas para os textos multimodais são apresentadas nas práticas sociais de diferentes discursos. Nesse sentido, as formas de representação envolvem desde imagens, movimento até som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, construídas mediante a composição de linguagem verbal e não verbal, linguagem visual e linguagem corporal, marcas constantemente presentes no discurso contemporâneo.

Vieira e Silvestre (2015) apresentam uma contribuição sobre a multimodalidade que pode ser observada no trecho a seguir:

[...]os seres humanos produzem e comunicam significações em vários modos semióticos, então somente o uso da linguagem verbal se tornaria insuficiente para concentrar a atenção de quem está interessado na produção e na reprodução social de significados. Logo, se, em essência, os textos são multimodais, será impossível ler significados representados apenas por um modo linguístico. (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 44).

Embora a linguagem verbal e oral sejam a centralidade na vida das pessoas no processo educativo hoje, com os avanços tecnológicos, outros modos de comunicar são integrados, levando-nos a considerar elementos, como imagem, infográfico, fotografia, gráficos, tabelas, desenhos, que fazem parte e contribuem para a construção de significados do texto.

Do multiletramento aos Novos letramentos

Um grupo de pesquisadores americanos, ingleses e australianos reuniram-se na década de 1990 nos Estados Unidos para discutir as mudanças que estavam sofrendo os textos em decorrência dos letramentos. Esse grupo foi batizado como Grupo de Nova Londres (GNL – *New London Group*). Os estudos apontavam para o fato de que os textos já não eram mais compostos somente de escritos, mas de uma pluralidade de linguagens, que os estudiosos denominaram de multimodalidade (ROJO e MOURA, 2019, p. 20-21).

Ainda segundo Rojo e Moura (2019), diante dessas transformações, os pesquisadores destacaram que, devido à globalização, o mundo estava passando por mudanças aceleradas, o que trazia impactos não somente nos textos, que cada vez mais se tornavam multimodais, mas se refletia também nas culturas e linguagens das populações, o que chamaram de multiletramento.

Rojo e Moura (2019) trazem uma contribuição sobre este conceito:

Multiletramento [...] é um conceito bifronte: aponta a um só tempo para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc). (ROJO; MOURA, 2019, p. 21).

Partindo dessa contextualização e sintetizando o entendimento atual sobre o termo multiletramento, compreendemos as duas significações: a da multimodalidade e a das diferenças socioculturais (ROJO; MOURA, 2019, p. 23). Posterior aos estudos trazidos pelo GNL, Knobel e Lankshear (2007, *apud* ROJO; MOURA, 2019) retomam os letramentos, agora com o acréscimo do adjetivo “novo”. Para trazer essa qualidade de novos letramentos, os autores levaram em conta as novas Tecnologias Digitais da Informação (TDIC). Para Leu, Coiro et al. (2017 *apud* ROJO; MOURA, 2019), a internet mudou a natureza dos letramentos e apontam algumas como:

A internet foi a tecnologia que essa geração definiu para o letramento e a aprendizagem na nossa comunidade global.

Os novos letramentos são múltiplos, multimodais e multifacetados.

Professores tornam-se mais importantes, embora seu papel mude em salas de aula de novos letramentos (LEU, COIRO et al., p.5 *apud* ROJO; MOURA, 2019, p. 25).

A BNCC demonstra um compromisso com a educação integral dos estudantes, por meio da construção de aprendizagens significativas, sintonizadas com a real necessidade e interesse dos estudantes, bem como alinhadas às novas demandas da sociedade contemporânea:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BNCC, 2018, p. 14).

Com isso, os novos letramentos se dão por uma nova mentalidade. Eles são mais participativos, mais colaborativos, contando que existem mais recursos tecnológicos para o compartilhamento das informações, como computadores, laptops, tablets, celulares, entre outros. Assim, os novos letramentos são menos individualizados.

Sob uma perspectiva discursiva, a leitura não é um ato mecânico de decodificação, mas sim um processo que está em constante construção, de atribuição de sentido, considerando que a leitura de mundo antecede a leitura do texto escrito e que as condições sociais, históricas e culturais também são valorizadas no estudo da linguagem. Ler é negociar efeitos de sentido.

Breve estudo sobre os gêneros textuais

O estudo dos gêneros textuais não é uma novidade: “já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática se iniciou em Platão”. (MARCUSCHI, 2008, p. 147). Para o autor, esse estudo mostra o funcionamento de uma sociedade, já que cada gênero textual tem uma proposta definida e determina seu campo de circulação.

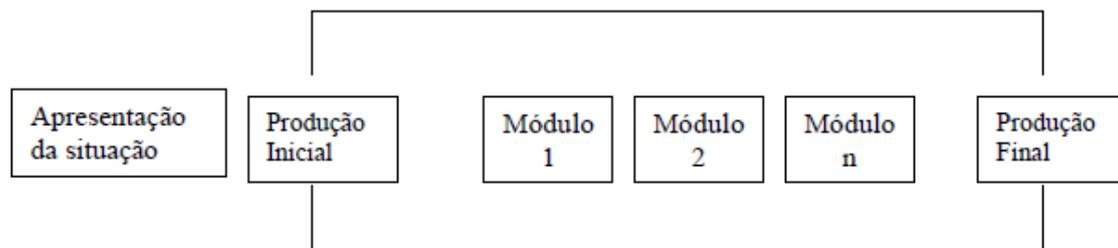
Levando-se em consideração as orientações dos PCN, compreende-se que a análise linguística deve fazer parte de todos os momentos do estudo de determinado gênero textual. Ela se concretiza em situações de reflexão sobre o funcionamento da língua seja na leitura, seja na escrita, seja na oralidade, daí o seu caráter transversal. A matéria-prima dessa análise são as marcas linguísticas que caracterizam cada gênero textual, expressas nas suas sequências, conforme propõe Marcuschi (2011, p.20), ao afirmar que

Em suma, os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual.

Dolz e Schneuwly (2004 *apud* SEGATE), defendem que é por meio dos textos que o ensino da língua materna deve acontecer e propõem o trabalho da língua por meio dos diversos gêneros textuais (orais ou escritos). Segundo os autores, os gêneros textuais são formas de funcionamento da língua, sendo criados conforme os diferentes campos da sociedade em que o indivíduo circula. Eles são produtos sociais bastante heterogêneos, o que possibilita infinitas construções durante a comunicação.

Esses autores sugerem um modelo didático que une teoria a práticas de uso dos diferentes gêneros textuais na sala de aula, por meio de Sequências didáticas (SD), que permitem ao ApEn praticar o conhecimento internalizado. Os autores apresentam o esquema a seguir para elaboração das Sequências didáticas:

Figura 1: Esquema para elaboração de sequências didáticas



Fonte: DOLZ; SCHNEUWLY, 2004 *apud* SEGATE, s.d.

Na concepção dos autores, sequência didática são “módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”. Para eles, as SD instauram “uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação.” (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004 *In*: SEGATE).

Práticas de Análise Linguística: Gênero Folder digital

O Grupo de Pesquisa em Educação Linguística (GPEDuLing) da PUC-SP propõe um trabalho de ensino da língua voltado para práticas de análise linguística, uma alternativa ao ensino tradicional de língua, uma tentativa de atender às expectativas de um ensino eficaz de língua, que privilegia seu uso e diversidade, por meio dos gêneros textuais, que são formas de funcionamento da língua, verdadeiros objetos de ensino.

Nesse trabalho, a Pedagogia do Digital mobiliza práticas de linguagem no universo digital, expandindo, assim, as formas de produzir sentidos. Ao explorar as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), torna-se possível compreender seus princípios e suas funcionalidades, a fim de utilizá-los de modo adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais possibilita a formação do indivíduo em suas práticas sociais, permitindo-lhe fazer uso crítico dessa mídia na compreensão e produção de textos em ambientes virtuais. Desse modo, torna-se possível refletir criticamente os novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

À vista disso, o trabalho realizado no minicurso analisa as formas contemporâneas de textos em contexto digital, identificando valores e representações nas diferentes situações de comunicação, nas diversas configurações sociais a que estão veiculadas, ao observar os efeitos

de sentido provocados pelas escolhas de elementos linguísticos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.

Assim, ao entender que o trabalho a ser desenvolvido parte da escolha de um gênero textual, a fim de se fazer uma delimitação da análise, a proposta apresentada foi definida e desenvolvida tendo o folder digital como o gênero contemplado.

Conforme orientações discutidas no grupo de pesquisa, a análise linguística do gênero escolhido perpassa três percursos que operacionalizam o estudo. Primeiro, resgata-se o(s) propósito(s) comunicativo(s) do gênero estudado, em seguida, identifica a organização interna do gênero selecionado como objeto de estudo e, por fim, volta-se para a Análise Linguística em si. Assim, demonstra-se, de fato, as funções e os usos dos recursos semiolinguísticos do gênero estudado.

Quadro 1: Percursos

Percurso 1	Percurso 2	Percurso 3
Reestabelecimento do Propósito Comunicativo	Descrição do Gênero	Análise dos recursos léxico-gramaticais/semióticos
Identificação/estabelecimento do propósito comunicativo.	Identificação/estabelecimento do(s) gênero(s) que favorecem ou dá(dão) sustentação ao propósito comunicativo.	Descrição e Análise dos recursos léxico-gramaticais (e semióticos) empregados, estrategicamente, para a construção do(s) gênero(s) estudado(s).

Fonte: GPEDULING

Em termos operacionais, o GPEDuLing propõe um conjunto de questionamentos de que pode se valer o EnAp para auxiliar na análise do gênero que irá propor como objeto de ensino-aprendizagem, quais sejam:

PERCURSO 1: reestabelecimento do Propósito Comunicativo do gênero estudado

1. Que gênero está sendo apresentado na atividade?
2. Qual a finalidade comunicativa desse gênero?
3. Quem responde pela autoria desse gênero?
4. Onde circula o gênero estudado?
5. Quando esse gênero é divulgado ou propagado?
6. Como o gênero está organizado para cumprir seu propósito comunicativo?

PERCURSO 2: descrição da organização interna do gênero estudado

O EnAp deverá formular perguntas específicas para identificação do conteúdo do gênero específico que estiver analisando no momento.

Exemplo: se o objeto de análise for um resumo acadêmico, podem ser formuladas perguntas como:

1. Que tipos de informações devem ser inseridas em um resumo científico? Por que ele tem essa estrutura? Ele serve para fazer o levantamento de informações na seleção de pesquisas correlatas?
2. Qual a diferença entre esse tipo de resumo e aqueles decorrentes da leitura de textos não acadêmicos?

PERCURSO 3: análise dos recursos léxico-gramaticais / semióticos

É neste momento que o EnAp deverá comprovar o funcionamento e usos dos elementos linguísticos que foram usados estrategicamente para a elaboração de determinado gênero. Com isso, legitimam-se os percursos 1 e 2 e finaliza-se todo o trabalho de Educação Linguística, que se iniciou nas atividades de leitura, escrita, oralidade. A pergunta norteadora deste percurso 3 é: Que elementos linguísticos e/ou semióticos comprovam as respostas dadas anteriormente nos percursos 1 e 2?

Embora a escolha do gênero textual digital feita nesse trabalho foi o folder digital, foram apresentados dois folders digitais com propósitos comunicativos distintos, sendo o primeiro pensado na divulgação e na oferta de cursos gratuitos disponíveis em uma determinada Instituição de Ensino e o segundo voltado para a conscientização sobre o consumo de álcool e outras drogas, uma campanha do Núcleo Estadual de Políticas sobre drogas do Estado do Paraná.

Além disso, a autoria dos gêneros, isto é, quem responde por eles, bem como a circulação da mensagem, sua divulgação e propagação podem ser observadas de modo semelhantes e divergentes, dadas as suas organizações e finalidades para cumprir o propósito comunicativo.

A discussão do segundo percurso também possibilitou a reflexão acerca da organização interna do gênero estudado, evidenciando, em cada um, as informações inseridas, suas estruturas e acesso. No folder de divulgação de cursos, informações como o organizador, o tipo de evento, data e horário, público-alvo, acesso por meio de *links* e *QR code*, bem como sua forma e conteúdo, a objetividade e a clareza na proposta, chamam a atenção dos interlocutores para as oportunidades de estudo gratuito e de qualidade. Percebe-se também que o gênero circula no formato impresso e digital, podendo ser compartilhado em diversas mídias.

Já o folder de Campanha contra o álcool e outras drogas apresenta informações sucintas, com elementos gráficos e uso de imagem. Apresenta chamativo e logo da organização que o está divulgando. Conta, ainda, com tópicos e apelo à ação divulgada, além de contato e

informações adicionais como telefone, *e-mail*, horário de atendimento, setores responsáveis. Em relação à estrutura, o folder tem essas características porque visa a informar e persuadir o público de forma rápida e eficaz. Esse gênero circula no formato impresso, geralmente com acabamento em dobras para o aproveitamento do papel. Com efeito, atualmente, a versão digital em PDF também é bastante utilizada e pode ser divulgada em *sites*, blogues, redes sociais, bem como, ser compartilhado em aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp.

Finalmente, no terceiro percurso propõe-se a análise dos recursos léxicos-gramaticais semióticos presentes no texto e comprovamos as respostas dadas anteriormente. Trata-se da análise linguística em si, permitindo a observação dos recursos linguísticos como o uso de modalizadores, formato e tamanho das letras, linguagem conativa, o uso de advérbios, verbos e substantivos selecionados de modo a atender a finalidade comunicativa; e os recursos semióticos como selos e logos, fotos, ícones, destaques de cor, dentre outras inúmeras manifestações iconoverbais dispostas nos textos a fim de atender ao propósito comunicativo.

Gênero folder digital: uma proposta de sequência didática

Para o desenvolvimento desta aula, é necessário ao EnAp dominar os conhecimentos correspondentes ao gênero textual folder digital; explorar o ambiente digital, observando e mapeando os diferentes elementos que deseja chamar a atenção dos ApEn, no intuito de proporcionar ampliação do campo de análise dos ApEn, favorecendo melhor compreensão do conteúdo lido; compreender as metodologias de educação linguística, bem como de sequências didáticas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Título: Explorando o folder digital
Área de conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular / série: Língua Portuguesa – 1ª série do Ensino Médio Duração: 4 horas-aula
Recursos: Computadores com acesso à internet, projetor.

BNCC

Competências Gerais da Educação Básica

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competências Específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Habilidades Gerais

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP43) Atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais.

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

Campo de atuação: Campo jornalístico-midiático

Objetivos de aprendizagem

- Promover prática de leitura e escrita.
- Identificar e avaliar a estrutura do folder digital, reconhecendo e compreendendo o uso de elementos multimodais.
- Comparar folders sobre o mesmo tema em diferentes canais de publicação, a fim de observar semelhanças e diferenças.
- Planejar, criar e publicar um folder digital.
- Praticar revisão e edição de texto, adequando-o à linguagem objetiva e persuasiva, conforme características dos folders.

Desenvolvimento

Apresentação inicial: Contextualizando o gênero folder digital

Organize os estudantes em uma roda de conversa e proponha um bate-papo inicial para identificar o entendimento da turma sobre folders digitais. Realize perguntas que os auxiliem nessa interação inicial, conforme sugestões:

- a) Você já leu algum folder digital?
- b) Qual era o assunto?
- c) Se lembra das características desses textos?
- d) Em quais canais esses textos são publicados?
- e) Para que eles servem?

[Orientar a condução das atividades e a discussão inicial a respeito do gênero]

Produção inicial

Após um primeiro contato com o folder digital, organize os estudantes novamente em grupos e proponha a eles que produzam um folder sobre algum acontecimento importante que deve acontecer na escola nos próximos dias.

[Orientar a condução da atividade e a coleta dos textos produzidos]

Conhecendo o gênero folder digital

Amplie o entendimento dos estudantes sobre esse gênero textual, trazendo exemplos e explorando as características textuais, comparando textos, identificando a funcionalidade. Utilize metodologias ativas como sala de aula invertida, propondo pesquisa prévias para serem compartilhadas na aula seguinte.

Proposta de análise linguística do folder

[Fazer uso dos 3 percursos apresentados anteriormente nas Práticas de análise linguística, para analisar o texto escolhido]

Planejamento e produção textual:

Até aqui desenvolveram-se as etapas de leitura e análise textual, o que possibilitou aos estudantes conhecer o gênero textual folder. Explique a eles que a etapa a seguir está voltada para a produção textual.

A concepção de gêneros textuais como objeto de ensino, compreende um estudo proposto por Schneuwly e Dolz (*In: SEGATE*), denominado “**teoria dos gêneros textuais**”, que sugere o trabalho da língua pautado nos diferentes gêneros textuais (orais ou escritos), já que esses textos são produtos sociais heterogêneos e possibilitam diversas construções na comunicação.

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já exploradas no Ensino Fundamental.

Revisão e edição

Uma vez concluída a produção textual, os grupos devem elaborar uma pauta de revisão, de modo que possam certificar-se de que os itens elementares foram garantidos, conforme sugestão de pauta:

- Há título/subtítulo adequados ao tema?
- Foi empregada a linguagem adequada?
- Foram empregados recursos multimodais adequados?

AUTOAVALIAÇÃO

ELEMENTOS DA PRODUÇÃO DO TEXTO	EXCELENTE	BOM	REGULAR
Título do texto			
Estrutura textual (o texto contém todas as partes que formam um folder).			
Elaboração dos conteúdos: relevância temática.			
Realização do texto (seleção lexical, estruturas sintáticas e demais elementos ligados ao nível semântico).			
Propostas multimodais adequadas e de qualidade.			
Corpo do folder (apresenta informações complementares e relevantes).			
Objetividade do texto			

Considerações finais

Os desafios com que se deparam os professores de Língua Portuguesa atuantes na educação básica são muitos nos dias de hoje. Há uma carência de formação específica para o tratamento didático voltado ao ensino da língua em uso sob uma perspectiva sociinteracionista.

A Análise Linguística pode se tornar um caminho possível para auxiliar o EnAp em suas práticas docentes. O estudo apresentado neste trabalho demonstrou o bom desempenho da apresentação do minicurso, por meio das atividades propostas. O trabalho voltado para a ação-

reflexão-ação, possibilita aos ApEn trabalhar com os textos assimilados e produzidos em cada etapa desenvolvida nesse aprendizado.

Assim, entende-se a necessidade de apropriação crítica dos processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos, como os gêneros digitais, de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

Percebemos que os elementos disponíveis nos folders digitais analisados possibilitam o desenvolvimento de habilidades e competências para a construção de conhecimento científico e para o aprender a aprender. Apesar de o tema ser extenso e merecer um tratamento com profundidade, fez-se um recorte sobre a análise de um material específico, com o objetivo de verificar a contribuição de textos digitais no processo de construção do leitor competente. Assim, compreende-se que todos esses elementos compõem um conjunto de recursos que favorecem a ampliação do entendimento do texto, já que não é composto somente de palavras, mas de diversos outros itens que levam em conta a língua híbrida, polifônica e multimodal, do mundo contemporâneo.

Este artigo buscou explorar a Educação Linguística, destacando a importância do desenvolvimento de habilidades linguísticas para o sucesso não apenas na formação escolar dos ApEn quanto em outras áreas de suas vidas. Ao longo do texto, foram abordados os conceitos relacionados à pedagogia do digital, que está contida na educação linguística, como forma de explorar textos que fazem parte da vida na contemporaneidade, integrando-os às práticas pedagógicas. Diante desse panorama, a presente conclusão apresenta uma síntese dos principais pontos discutidos, enfatizando a necessidade de um ensino linguístico contextualizado, inclusivo e adaptado às demandas atuais, a fim de empoderar os indivíduos no domínio das línguas e fomentar uma comunicação intercultural mais enriquecedora e reflexiva.

Neste trabalho, o que se pretendeu foi lançar uma breve reflexão do enfoque da AL nas aulas de Língua Portuguesa, por meio de gêneros textuais digitais que permeiam a teoria e a prática do professor, a fim de assegurar um trabalho efetivo de língua, com qualidade e adequação.

Entendemos que a compreensão e o funcionamento das diferentes linguagens e práticas sociais mobilizam conhecimentos de recepção e produção de discursos nos diferentes propósitos comunicativos, nas diversas mídias, a fim de ampliar as formas de participação dos estudantes tendo em vista o social e a interpretação crítica da realidade. Isso tudo nos permite pensar a educação como pensava Freire, aquela que é praticada pela liderança revolucionária

em que ambos, educadores e educandos, engajam-se como sujeitos que buscam a transformação do mundo por meio do conhecimento.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, uma vez que mostraram a relevância do estudo da língua direcionado à análise linguística, de fato uma alternativa ao ensino tradicional de língua, evidenciando a construção do conhecimento de forma eficaz.

Conclui-se que o trabalho voltado ao ensino de Língua Portuguesa por meio de práticas de análise linguística enriquece a formação do EnAp em sua atuação, assim como possibilita ao ApEn o melhor desempenho da linguagem em sua vida pessoal e profissional. Entende-se, ainda, que a proposta apresentada nesse trabalho está em construção, portanto, não se trata de uma solução das dificuldades encaradas no estudo da língua, mas almeja um caminho eficiente na tentativa de contribuir para a formação do ApEn em “tornar-se o poliglota na própria língua” (BECHARA, 2009, p. 38).

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLINOV, V. I. *et al.* Didakticheskaya koncepciya cifrovogo professional'nogoobrazovaniya i obucheniya [Didactic concept of digital education and training]. Moscow: Izdatel'stvo “Pero”, 2020.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 12.ed. São Paulo: Pontes, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Trecho de entrevista com Marisa Lajolo para o Programa Jogo de Ideias**, do Itaú Cultural. 5 nov. 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MONeYZoPQc0>. Acesso em: 6 nov. 2022.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2008.

LOMAS, Carlos, *et al.* **Fundamentos para una enseñanza comunicativa del lenguaje.** Barcelona: Editorial Graó, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In:* KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). **Gêneros Textuais** – reflexões e ensino. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

PALMA, Dieli Versaro; TURAZZA, Jeni Silva (Orgs.). **Educação linguística e o ensino da Língua Portuguesa:** algumas questões fundamentais. São Paulo: Terracota, 2014.

PCNEM. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 6 maio 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens.** São Paulo: Parábola, 2019.

SEGATE, Aline. Gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268342108.pdf>. Acesso em: 28 maio 2023.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à Multimodalidade:** Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.

VOLKOVA, L. V.; LIZUNOVA, L. R.; KOMAROVA, I. A. Pedagogia digital: Problemas e soluções. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. esp. 5, p. 3140–3152, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/16003>. Acesso em: 28 maio 2023.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. **Escola e leitura** – velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

ANEXO A

(Disponível em:
<http://etecaprigio.com.br/vestibulinho.html>. Acesso em: 15 out. 2023.)

ANEXO B

DROGAS LÍCITAS

ALCOOL
O uso abusivo do álcool pode causar dependência. Como uma das complicações que essa substância provoca é a perda da percepção, dirigir alcoolizado pode ser fatal. Diversos casos de violência doméstica também estão diretamente ligados a essa substância.

Malefícios
- Hipertensão / pressão alta
- Prejuízos na vida profissional, social, familiar, pessoal e sexual
- Cirrose hepática
- Câncer
- Diminuição de memória
- Desorientação temporal e espacial
- Alterações comportamentais
- Agressividade

TABACO:
Contém cerca de 4.700 substâncias tóxicas, potencializando a ação de agentes cancerígenos. O tabagismo é a principal causa de câncer de pulmão no mundo.

Malefícios
- Câncer no pulmão, boca, faringe, laringe, esôfago, bexiga, pâncreas, rins
- Dependência física e psicológica
- Infarto
- Doenças pulmonares e respiratórias
- Derrame / Acidente vascular cerebral

DROGAS ILÍCITAS

MACONHA
Erroneamente considerada "inofensiva" por ser derivada de uma planta. Pode desencadear esquizofrenia mesmo quando utilizada somente uma vez. O uso reduz a memória e diminui a capacidade de resolver problemas.

Malefícios
- Doenças pulmonares e respiratórias
- Esquizofrenia
- Prejuízos no sistema de defesa do organismo
- Dificuldade na aprendizagem / concentração
- Evolução escolar
- Perda da memória
- Desinteresse sexual / Diminuição da libido

MDMA / ECSTASY
É uma substância sintética derivada da amfetamina, tendo como princípio ativo o MDMA (metilenedioximetanfetamina) popularmente conhecida como "Michael Douglas", "Bala", "Balinha", "Roda", entre outras. Geralmente consumido em festas rave, pode causar danos cerebrais permanentes, afetando a capacidade de discernimento e raciocínio da pessoa que a consome.

Malefícios
- Aumento da temperatura corporal
- Aceleração dos batimentos cardíacos
- Pânico e depressão
- Paranoia e alucinações
- Convulsões / morte

COCAÍNA
É extraída da planta *Erythroxylum coca*. Importante destacar que seu uso contínuo causa tolerância e rápida dependência no organismo, fazendo com que o usuário aumente a dose para obter o mesmo efeito.

Malefícios
- Comportamento agressivo
- Depressão / Quadro psicótico
- Ataques de pânico
- Taquicardia / Infarto
- Morte (em razão de overdose)
- Anorexia
- Esquizofrenia

CRACK
A pessoa que é usuária de crack torna-se um verdadeiro farrapo humano. Os efeitos dessa droga tanto a curto, quanto a longo prazo são devastadores e podem acabar literalmente com a pessoa em pouco tempo.

Malefícios
- Depressão e paranoia
- Danos graves ao coração, fígado e rins
- Irritabilidade e violência
- Perda das noções básicas de higiene
- Convulsões que podem levar a morte
- Sentimento de culpa / Melancolia / Suicídio

TELEFONES ÚTEIS

Se você ou alguém próximo está enfrentando dificuldades causadas pelo abuso do álcool ou outras drogas, nos contatos abaixo, você sempre encontrará alguém disposto a oferecer suporte

- A.A. Alcoólicos Anônimos - Atendimento das 9h às 18h30min:
 - (41) 3222-2422 - Curitiba e Região Metropolitana
 - (40) 322-2219 - Ponta Grossa
 - (40) 3015-1134 - Cascavel
 - <https://www.aa.org.br/> - Entre no site e encontre o grupo que melhor atende você.
- CAPS - Centro de Atenção Psicossocial:
 - Procure a Unidade Básica de Saúde - UBS mais próxima de sua residência e informe-se.
- CRAS - Centro de Referência de Assistência Social:
 - Procure o CRAS mais próximo da sua casa. Essa unidade é pública e os serviços são gratuitos.
- CRESS PR - Conselho Regional de Serviço Social:
 - (41) 3232-4725 - Sede Curitiba
 - (43) 3234-1131 - Seccional Londrina
 - (45) 3303-4467 - Seccional Cascavel
 - <http://www.cress.org.br/pt/contato/contato>
- COMFACPA - Federação Paranaense de Comunidades Terapêuticas Associadas:
 - (41) 92752-1497 - (Atendimento das 14h às 18h)
- CVV 188 - Centro de Valorização da Vida (24h)
- Disque Denúncia 181
- Disque Saúde 136
- FEAE - Federação do Amor Exigente:
 - (41) 3272-5180 (Atendimento das 9h às 18h)
 - (41) 99182 - 8803 (24h)
 - <https://www.famexigente.org.br/> - Entre no site e encontre o grupo que melhor atende você.
- FEPLAC - Federação Paranaense das Comunidades Terapêuticas:
 - (41) 9966-0568 - somente em quartas-feiras das 9h às 16h
- N.A. Narcóticos Anônimos - Atendimento 24 horas:
 - (41) 99777-0209 - Curitiba
 - (40) 99932-2224 - Cascavel
 - (43) 99997-2822 - Londrina
 - (44) 99805-1605 - Maringá
 - <https://www.na.org.br/> - Entre no site e encontre o grupo que melhor atende você.
- NEPSD - Núcleo Estadual de Política Sobre Drogas - Atendimento das 9h às 18h:
 - (41) 3561-1140
 - <https://www.politicassobredrogas.org.br/>
- Ovidório - SESSA - Secretaria Estadual de Saúde - Atendimento das 8h30min às 12h e das 13h30min às 18h:
 - (800) 644.6414 (informações, dúvidas e reclamações)
 - <https://www.saude.pr.gov.br/>
- Pastoral da Sobriedade - Atendimento das 9h às 16h:
 - (41) 3328-1113 - Curitiba
 - <https://www.sobriedade.org.br/> - Entre no site e encontre o grupo que melhor atende você.
- Polícia Militar 190
- SAMU 192

NEPSD
NÚCLEO ESTADUAL DE POLÍTICA SOBRE DROGAS

ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Certamente, a melhor atitude para reduzir os danos das drogas é não usá-las.

(Disponível em:
https://www.politica-sobredrogas.pr.gov.br/sites/depsd/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/Folder_Alcool_e_outras_Drogas.pdf. Acesso em: 15